

Gomes Freire de Andrada

Conferência do general
J. BORGES FORTES

Meus Senhores.

A terra carioca guarda no silêncio absoluto de uma tumba, coberta por lápide sem qualquer inscrição e desaparecida à gente do pavimento da igreja de Santa Teresa, as cinzas de Gomes Freire de Andrada, General que foi do Exército português, Conde de Bobadela e figura de relevo máximo na História colonial do Brasil, onde êle desempenhou por prolongado período os cargos proeminentes das Capitanias meridionais de nossa Pátria.

O grande prefeito Pereira Passos cultuou a memória de Gomes Freire dando êsse nome a uma das avenidas que rasgou na velha capital e reuniu em uma mesma homenagem as figuras de Mem de Sá e de Salvador de Sá, fazendo convergirem na Praça dos Governadores, as três avenidas que lembram nomes de figuras que parecem apagadas na memória dos homens de hoje, empolgados como se sentem, na vertigem da vida intensa que ora vivemos.

Não é de estranhar que isso aconteça.

Os contemporâneos de cada grande homem que atravessa a vida das nações fazem normalmente o seu julgamento eivando-o de preconceitos, de paixões e de circunstâncias que lhes toldam a visão e obscurecem o espírito. O julgamento definitivo dessas individualidades cabe à História e esta só a faz mais tarde. Tribunal de última instância suas sentenças são proferidas sob a luz da verdade, da justiça e da serenidade.

Em nossa Pátria temos confirmação solene da inanidade dos julgamentos precipitados dos contemporâneos.

Bastaria recordar-vos o nome hoje endeusado do imortal Duque de Caxias.

Por quantos anos ficou à sombra do olvido o nome dêsse nosso invencível soldado e incedível patriota ?

Obrigado a defender-se quando regressava do Paraguai, depois de ganhar a guerra contra Lopes, lançado ao ostracismo pela política de seu tempo, apagada a lembrança de toda a sua grande vida em prol do Brasil, por largo lapso de tempo, somente mais tarde ressurgiu para a glória o seu extraordinário nome.

Ocorreu essa ressurreição logo depois que adquirimos a consciência de nossa missão nacionalista, quando Floriano Peixoto despertou o espírito cívico declarando aos atrevidos estrangeiros que projetaram desembarcar tropas no Rio de Janeiro, que os receberia — a bala !

Despertava, com êsse gesto de altivez e independência a convicção dos brasileiros de que estamos fadados a glorioso destino e devemos preparar-nos para essa missão.

E uma pequena grande obra surgiu, um sintético livrinho de Raimundo Seild, coração de santo e alma diamantina, levantando aos olhos do exército e de todo o Brasil a proeminente personalidade do Duque de Caxias, o consolidador de nossa Pátria.

Daí por diante Caxias transformou-se no ídolo que hoje é consubstanciado no seu nome imortal, as glórias do passado e o exemplo de hoje e amanhã.

O livro de Seild, foi o toque de clarim que despertou entusiasmo: marco intermediário entre o imperecível monumento que é o livro de Monsenhor Pinto de Campos, "Vida do Grande Cidadão Luiz Alves de Lima e Silva" — e a fecunda obra de Vilhena de Moraes.

Se é monumental a História de Caxias escrita pelo Monsenhor, trabalho de estilo clássico e formosíssima linguagem, não menos louvável é a ação de Vilhena de Moraes que devotou-se a um verdadeiro apostolado, exaltando a imortal figura de Caxias, analisando-a e estudando-a sob todos os seus aspectos, como soldado e como cidadão, nos campos de batalha e nos dias calmos da paz, no recesso feliz de seu lar.

Em minha terra natal, naquele querido Estado do Rio Grande do Sul, apagou-se por longos duzentos anos o nome de José da Silva

Paes, o verdadeiro fundador da soberania portuguesa naquelas plagas.

Hoje está reverenciada a sua memória e o bronze perpetua na praça pública da cidade que êle inaugurou, a gratidão dos riograndenses e glória eterna do heróico Brigadeiro português.

Gomes Freire sucumbiu ao peso de duas grandes dores morais. Todo um pertinaz esforço incessante, desde 1680 a 1762 para manter nas ameias da Colônia do Sacramento, a bandeira luzitana foi anulada ante o poderio das armas castelhanas dirigidas por um comandante de rija envergadura. — D. Pedro Ceballos.

O forte soldado que era Gomes Freire sentiu pesar-lhe no coração de patriota, não na consciência de militar, a dor da derrota. E sôbre terrível decisão do Destino, outra mais cruciante, a injustiça de seus jurisdicionados feridos em interesses mesquinhos, que lhe atribuíram as causas de desgraça da Colônia.

Gomes Freire de Andrada, militar por vocação genial, chefe cheio de orgulho e de autoridade, governador ativo e cuidadoso do bem estar de seus concidadãos, delegado do Rei que lhe outorgava irrestrita confiança, emissário da metrópole cujos designios cumpria com devotamento e consciência, Gomes Freire quebrantou a própria fortaleza e morreu fulminado pela fatalidade e pela injustiça.

Passaram-se mais de dois séculos depois que o nome glorioso de Gomes Freire penetrou na História do Brasil. É singular que essa inconfundível individualidade não tivesse até agora atraído a atenção de nossos muitos e ilustres escritores de história traçando um livro sôbre ela.

Entretanto o nome de Gomes Freire está gravado nos fatos do Rio de Janeiro, de Minas Gerais e de Goiaz, de São Paulo e de Santa Catarina, do Rio Grande, da Colônia do Sacramento.

Há no insigne general um conjunto de personalidades, qual a mais interessante:

O soldado que venceu campanhas; o administrador que distribuía o bem que podia entre os seus governados; o diplomata que defendia o interesse de sua pátria nas contendas com seus pares; o varão cheio de virtudes e de fé religiosa que cultivava e incitava com seu exemplo; o intelectual que criou a primeira tipografia no

Brasil e bafejou a Academia dos Seletos; o patriota inescdível que em toda a sua longa existência teve uma preocupação invariável — ser fiel a seu Rei e a seu País.

Gomes Freire foi isso tudo e não foi olvidado.

Não o poderia ser jamais: merece pois, muito maior projeção do que aquela que lhe possam pôr em relevo as expressões singelas destas laudas que com tanta bondade estais ouvindo.

* * *

Tenho acompanhado através de documentos e livros a situação de Gomes Freire. Com a paciência e perseverança que exige um trabalho de análise de uma grande vida, tenho coligido boa cópia de elementos que me permitem seguir pari-passu a trajetória do notável general na difícil governação que desempenhou em nossa pátria.

Diogo de Vasconcelos, o severo historiador das Minas Gerais faz frequentes alusões ao valor de Gomes Freire e estuda com alto critério as várias épocas em que a influência direta dêsse chefe se fez sentir, sempre beneficentemente, sôbre os povos da vasta capitania mediterrânea.

Southey, atribue-lhe a paternidade do Tratado de 1750 e considera-o um distinto fidalgo.

Varnhagen diz de Gomes Freire:

“Bobadela foi governador justo, sumamente político, zeloso servidor de S. Majde. e que nunca deitou a perder nenhum de seus subditos e tudo conseguia com modo e muito acabada prudência.

Era garboso, franco e de extraordinária vivacidade.

Nas falas parecia vehemente, porém era apenas ativo.

Sua piedade, juízo, circunspeção e honradez se acham estampadas nas instruções que em 1752 deu a seu irmão ao entregar-lhe o governo de Minas. A sua morte é o desfecho de um grande drama do qual êle fora protagonista”.

E mais adiante acrescenta:

“Praza a Deus que venha um dia em que não só se levanta uma estátua ao mesmo Bobadela como seja pela gratidão nacional posto êsse grande nome no de alguma de suas povoações ou praças delas”.

Rodrigo Octavio em seu "Felisberto Caldeira" refere-se frequentemente a Gomes Freire que lhe merece os qualificativos de glorioso e bom governador.

No Rio Grande do Sul a sua lembrança não se pode apagar, pois nesse recanto do Brasil, Gomes Freire permaneceu por largos anos e lá está felizmente ainda de pé no limiar da terra continental, a igreja Matriz da cidade do Rio Grande em cuja fachada está esculpida a seguinte inscrição:

"Reinando El-Rei D. José I N. S. e sendo Capitão General das Capitánias do Rio de Janeiro e Minas Gerais o Ilmo. e Exmo. Gomes Freire de Andrada do seu Conselho Mestre de Campo General dos seus Exércitos mandou fazer esta Igreja no tempo que conferiu e executou de sua parte como principal comissário do mesmo Rei e Senhor a divisão das duas monarquias. Rio Grande de São Pedro, 25 de Agosto de 1755".

Por último: eu mesmo escrevi para a comemoração dos Centenários de Portugal:

"De muito desejava eu prestar essa minha homenagem ao eminente filho de Portugal que é aos meus olhos de convicto admirador também um grande brasileiro.

Não cause surpresa tal asserção.

Brasileiro foi Gomes Freire, pois de seus longos 75 anos de existência, 30 passou-os ininterruptamente no governo do Sul do Brasil.

Dedicou-se à nossa terra com todas as faculdades de sua extraordinária capacidade de administrador, de militar e de chefe.

Brasileiro será Gomes Freire enquanto estiverem de pé os arcos monumentais da Carioca, as muralhas vetustas da Ilha das Cobras, as brancas paredes da Igreja e Convento de Santa Teresa.

Brasileiro foi Gomes Freire quando, durante sete anos a fio, perlustrou as campanhas do Rio Grande para dilatar as terras de sua Pátria trazendo as Missões para a soberania portuguesa.

Brasileiro quando tinha sobre os ombros a jurisdição de tôdas as capitánias contíguas, do Rio de Janeiro, de S. Paulo, de Minas, de Goiaz e do Mato Grosso.

Brasileiro porque aquí exalou o último alento de uma merecida vida e porque no chão do Brasil guardamos as suas preciosas cinzas.

E também português! Pela glória que alcançou na terra nativa como soldado, pelo título nobiliárquico com que o premiou seu Rei em recompensa de uma vida inteira consagrada à Pátria, em serviços sem conta e de alto valor; pela riqueza da herança que deixou em documentos inestimáveis do tempo de seu governo; pela glória insigne de lhe servir de berço natal”.

Aqueles leitores que teem acompanhado os meus trabalhos de literatura histórica sabem que venho me dedicando ao estudo dos acontecimentos do Rio Grande, principalmente no primeiro século de sua incorporação à civilização luzitana.

Pode-se rigorosamente afirmar que foi no ano de 1733 que o território riograndense iniciou a sua vida luso-brasileira.

Esse ano é também aquele em que Gomes Freire inicia-se no governo do Rio de Janeiro como capitão general.

Decorrem trinta anos entre essa era e o dia tenebroso do desaparecimento do notavel varão: a vida do Rio Grande sofreu abalos profundos e decisivos aos quais o nome de Gomes Freire vem invariavelmente ligado.

Daí a atração que me impulsionou para acompanhar o seu governo a repercussão que este ia projetando sobre a história de meu Estado natal e a grande e profunda admiração que brotou em meu espírito por esse imortal general e brilhante homem de estado.

O sentimento latente de admiração por Gomes Freire tenho-o eu encontrado em todos os intelectuais com que me tenho entretido a conversar sobre a sua relevante atuação no Brasil e manifestado o propósito de condensar em livro a vida do insigne general.

É o prosseguimento da tarefa que me impôs o objeto da palestra que agora tendes a paciência de ouvir.

Certamente o presente assunto não estará fora das linhas de nosso Instituto de História Militar pois duas importantes campanhas foram chefiadas por Gomes Freire — a defesa de Colônia do Sacramento em 1735-36 e a guerra dos Guaranís.

Se Gomes Freire foi efetivamente um grande chefe de Estado, se revelou alta capacidade no desempenho das funções de Delegado do Rei nos debates diplomáticos com o seu conferente na Demarcação de Limites no Rio Grande do São Pedro, o traço predominante de sua relevante personalidade foi o temperamento fundamental mi-

litar que o caracterizava. Vibrava em toda a sua longa atuação como governador de vastos domínios no Brasil, a alma do soldado inato, a centelha de seu gênio de general, seu espírito de guerreiro.

* * *

Foi nos campos do Alemtejo, nas pugnas frequentes em que se degladiavam portugueses e espanhóis que o nome de Gomes Freire começou a se circundar da aureola que o levaria à glória imperecível.

Alcançou naquelas plagas um posto hierárquico ainda modesto, o de comandante de um regimento de cavalaria, porém salientara-se bastante para que, quando o monarca absoluto de Portugal precisasse de um delegado fiel e seguro para vir governar a capitania do Rio de Janeiro, restaurá-la da desordem produzida pela enfermidade fatal de Bahia Monteiro, fosse Gomes Freire de Andrada, o escolhido pelo Rei.

E assim, a 26 de julho de 1733, estava Gomes Freire já galardoado com os seus bordados do generalato, de posse do governo da capitania.

Graves incumbências trazia o novo capitão-general; preparar a defesa do Rio de Janeiro, ainda fundamente ressentido das consequências do assalto dos franceses e estar atento e vigilante sobre a atitude dos castelhanos no Rio da Prata, incumbências de caráter militar e de ordem externa.

No referente à política interna, empenhar toda a autoridade no sentido de pôr termo aos serviços das rendas do Erário Público originado do contrabando do ouro e diamantes e da circulação de moeda não legitimada.

Era portanto uma múltipla tarefa de máxima delicadeza, o que significava a irrestrita confiança do Rei no alto valor de seu mandatário.

Desempenhou-se Gomes Freire, em outro prazo, desta última missão. Apoderou-se habilmente de todos os fios da trama de desonestos e ladroeiros que usavam os criminosos e, a despeito de quaisquer outras considerações, prendeu delinquentes, apontou cúmplices e desmascarou completamente as pessoas que se envolviam nas grossas tratantadas do contrabando do ouro.

Era uma complexa rede que se estendia pelo Brasil e se ramificava nas colônias inglesas da América, na África e na Inglaterra, atingindo a própria metrópole portuguesa.

Não se escoaram muitos meses e a tormenta se desencadeou no Prata. Em outubro de 1735, sem que a paz estivesse perturbada na península Ibérica o governador de Buenos Aires atacava a Colônia do Sacramento submetendo-a a sitio regular e que iria prolongar-se por largo prazo.

Gomes Freire estava nessa ocasião em Minas, onde desempenhava simultaneamente com o governo do Rio de Janeiro o posto de capitão general daquela capitania. Ficara no Rio, substituto designado pelo governo real, o benemérito brigadeiro José da Silva Paes.

Os dois grandes chefes agem como uma única pessoa: desdobram-se providências, improvisam toda a sorte de auxílios à guarnição ameaçada e detem pela energia de sua atitude, pelo acerto de sua orientação, a onda invasora dos castelhanos. Os defensores da Colônia, sentiam-se animados material e moralmente pelo governo do Brasil e isso multiplicava-lhes a indômita bravura com que lutavam sob o comando do forte Antonio Pedro de Vasconcelos.

* * *

Eram porém muito diminutos os recursos de que o Rio de Janeiro podia dispor: navas, armas, munições, víveres e soldados escasseavam.

E então, já se podem perceber os prodromos de uma nacionalidade, pois estremeeceram ao insólito, ao ato do irreconciliavel adversário, Pernambuco e Baía, Minas e São Paulo, S. Catarina e o incipiente Viamão, que todos num movimento consciente uniram o máximo de seus esforços para em ação ininterrupta salvarem a honra portuguesa, a soberania de suas armas nas trincheiras da Colônia e nas águas do Prata.

A metropole correu. Veio de Portugal, com uma poderosa frota a decisão de lutar até o extremo na defesa da tradicional fortaleza e, mais do que conservá-la, reafirmar o seu domínio, alargando a conquista na posse de Montevideu e de Maldonado, e findando raízes definitivas no Continente do Rio Grande de São Pedro.



GOMES FREIRE DE ANDRADE (Conde de Bobadela)

São por demais conhecidos todos os acontecimentos dessa memorável época, principalmente depois que veio a público o notável livro de meu saudoso amigo e nosso inolvidável consócio Coronel Rego Monteiro, exclusivamente tratando da história da Colônia do Sacramento.

É nêsse período de apreensões, de energias e de decisões que o espírito militar de Gomes Freire se demonstra em toda a pujança de seu gênio.

Do Rio de Janeiro, que não pode mais dispensar a sua presença, despacha incessantemente os auxílios materiais indispensáveis para a resistência armada. Mais do que isso: comanda à distância as operações de guerra. Acompanha de longe os movimentos de nossas armas, orienta os chefes, indica-lhes operações proveitosas e decisivas, determina ações e reações. . .

É o general em chefe: à sua visão de águia nada escapa. Ele tudo vê, tudo prevê e a tudo provê. Está no seu elemento predileto, o exercício do comando da guerra.

Desgraçadamente tem de ser um comando de longe e naquele campo as comunicações eram de uma lentidão mortal, as condições meteorológicas de clima e estação preponderantes, as forças da natureza imperava muito mais decisivamente do que hoje, quando a eletricidade e a máquina são instrumentos que o homem maneja à sua vontade, num domínio quase absoluto sôbre as leis naturais.

Desgraçadamente é um comando de longe e no teatro da luta, nos campos de combate a autoridade triplica-se. O comando da frota, o comando do exército e o comando da praça, são três autoridades que não se conjugam no momento e lugar propícios; homens, partilham de suas fragilidades e disputam-se à conquista do melhor quinhão de glória numa luta que não era ainda uma vitória.

Gomes Freire presencia cheio de revolta e de indignação a divergência que eles procuravam por todos os meios dissipar: mas o erro viera de Lisboa, as instruções reais traziam no bojo o germen das dissidências e do fracasso.

O epílogo da campanha foi a paz ajustada na Europa entre Portugal e Espanha, a conservação da Colônia do Sacramento, a radicação no Rio Grande, a conquista do extenso território até o rio São Miguel e a derrogação definitiva da doutrina de Tordesilhas, subs-

tituida agora pelo princípio do *uti-possedetis*, no domínio do direito internacional.

Gomes Freire defronta serenamente o julgamento, pelo Rei, das atitudes dos delegados deste nos acontecimentos. Ele pessoalmente seria também julgado. Não proferira voto acerca do que presenciara; em consciência, porém, formava juízo, condenava a fraqueza dos mandatários que haviam ido ao Prata.

A Antonio Pedro não perdoava alguns erros de chefe, e principalmente, o fato de haver aquele general ocultado a Gomes Freire certos episódios e circunstâncias da guerra, apelando preferentemente para Lisboa antes de se dirigir ao Rio.

A Silva Paes censurava acremente por haver demorado em Santa Catarina, quando seguira para o Prata com o terceiro socorro e por haver assaltado as trincheiras de Montevideú.

Era menos severo seu conceito sobre Abreu Prego. Porque?

E no entanto quando se pronunciou a sentença real sobre as responsabilidades desses chefes, muito justamente, foi sobre Abreu Prego, o comandante do mar que recaiu a condenação do monarca.

Vem dessa campanha do Sul a divergência histórica entre os dois generais — Gomes Freire e Silva Paes, guardando ambos no fundo de seus corações a amargura de suas malquerenças.

A prosápia, o orgulho do capitão-general não suportam freio e não cedem a ponderações: sua atitude para com o Brigadeiro atinge proporções de excessivo rigor. E a má vontade para com este se propaga mesmo à brilhante conquista que Silva Paes realizara no extremo sul.

Gomes Freire olha o Rio Grande com evidente ojerisa, não admite que a sua posse venha contrabalançar o fracasso de Montevideú e chega a aceitar a renúncia de tudo quanto alcançara o Brigadeiro, entregando S. Miguel aos castelhanos.

Prevaleceu porém o conceito militar e Gomes Freire compreendeu que embora a terra nada oferecesse de futuro, que custaria montões de cruzadas aos magros cofres da Fazenda Real, a posição do Presídio serviria, como se diz agora, de trampolim para um assalto em qualquer tempo sobre o cobiçado Montevideú. E o Rio Grande foi preservado da catástrofe de ficar província paraguaia!

Uma coisa única — pode explicar tão funda divergência: os dois ilustres chefes eram igualmente ativos, Gomes Freire mais autoritário, Paes mais subordinado, ambos alimentando comparavel dose de amor próprio...

Traço bem característico de Gomes Freire foi o seu autoritarismo, aliás sem prepotência, pois não empregava essa força moral fora dos limites do bom e da normalidade.

Era antes de tudo, determinada uma tal qualidade pelo hábito de comando, pela continuidade no governo e principalmente pela consciência da própria extraordinária personalidade.

No começo de seu governo em Minas, segundo Diogo de Vasconcelos, é êle tolerante, acessível e generoso.

A medida que se escoava o tempo e que se alargavam os poderes de governo, aumenta-se a autoridade moral de Gomes Freire e é com crescente energia que desempenha o seu papel de chefe nas diligências de guerra na Colônia do Sacramento.

Mais uma demonstração do característico amor próprio do illustre general é a sua contenda com o ativo fidalgo D. Luiz Mascarenhas, que veio substituir como capitão general de S. Paulo, no ano de 1738.

A Câmara paulista promoveu grandes festas quando D. Luiz chegou à sua capital, acintosamente manifestando a Gomes Freire o seu desagravo pelo fato de não haver este quando no exercício cumulativo do governo da capitania demorado algum tempo em S. Paulo.

Gomes Freire não tinha qualquer apreço pela cidade piratiningana e já tivera oportunidade de considerar a sua designação para aquele governo como quase um castigo...

Mais tarde surgem conflitos, desentendimentos graves nas fronteiras das duas capitânicas — Minas e São Paulo.

Num país tão vasto, em capitânicas quase despovoadas, já se discutia, bradava e lutava por questão de limites jurisdicionais dentro de estreitas regiões.

Quão apaixonadamente os homens se apegam ao solo!

Necessariamente os capitães generais conheciam os fatos, sabiam como resolvê-los. Não o faziam e reciprocamente se hostilizavam. Ciúme de autoridade? Excesso de orgulho?

A luta foi silenciosa e prolongada e terminou com o afastamento de D. Luiz Mascarenhas para Portugal e com o *capitis-diminutio* da terra paulista, que de capitania independente se viu reduzida a simples comarca da do Rio de Janeiro onde Gomes Freire era o chefe todo poderoso.

Sem sombra de dúvida se pode afirmar que tão radical providência fora sugerida por Gomes Freire, que assim afastava o seu altivo e aristocrático contendor e ao mesmo tempo desforrava-se do esquecido acinte dos paulistas.

Nova prova do espírito autoritário do eminente capitão general vamos encontrar na correspondência do Marquês de Val de Lirios com a corte de Espanha. Em carta para Dr. José Carvajal, o plenipotenciário espanhol, diz ser Gomes Freire homem de vivacidade extraordinária em sua idade e que não sabe falar sem vehemência, dado o seu espírito marcial.

* * *

Para pôr em execução o Tratado de 1750 que fixou os limites entre Portugal e Espanha nas terras da América, Gomes Freire, recebeu plenos poderes do monarca português.

Viajando para o Sul no desempenho de sua espinhosa missão levava Gomes Freire o seu potente espírito de soldado de lei, o seu bastão do comando, as suas veleidades de cortezão, o seu código de etiquetas, e no fundo de sua alma de velho português, o seu ardente patriotismo e tôdas as prevenções e desconfianças sempre vivas contra iguais sentimentos dos castelhanos.

Ja Gomes Freire acompanhado de um poderoso contingente militar. Tinha sob seu comando chefes experimentados e valorosos, tropas instruídas e de perfeita disciplina.

As instruções que recebera confiavam-lhe autoridade quase majestática.

Seu contendor o Marquês de Val de Lirios era certamente portador da mesma bagagem que acompanhava Gomes Freire. O plenipotenciário português inicialmente levava-lhe algumas vantagens; a primeira era a referente às tropas que Gomes Freire conduzia. Eram tropas de primeira plana em toda a extensão do termo.

A segunda é ainda mais importante: o chefe português estava inteiramente ambientado, conhecia bem a América, a sua gente, os hábitos e as tendências peculiares. Val de Lírios vinha da côrte de Madrid, para atuar em meio desconhecido cercado de auxiliares cujo sentir lhe era completamente estranho.

Gomes Freire não admitia por forma alguma que preponderasse na fixação dos limites territoriais a vontade dos castelhanos, mais propenso a ceder e ao contrário tudo fez para que os portugueses fossem os mais fortes quando estivesse em jogo o prestígio das duas comissões.

O Marquês encontrou um clima antagônico com os seus propósitos. Os castelhanos da América não compreendiam porque a Espanha trocava um imenso território como era o império das Missões pelo que eles diziam ser e o era de fato materialmente, uma minúscula fortaleza defendida por arruinadas trincheiras.

E mais grave do que essa resistência, a revolta que crescera entre os habitantes dos velhos arraiais jesuíticos obrigados a deixar os seus lares para se irem instalar em outras regiões de soberania espanhola.

A frente dessa revolta, branca a princípio, mas que não demoraria a se transformar na mais rubra das tragédias, estavam os padres que desde longa data vinham tangendo os infelizes indígenas como um imenso rebanho.

Gomes Freire procede como um general em pleno teatro da guerra. Não alardeia, não interfere junto aos jesuitas, porque castelhanos, mas prepara-se para defrontar em quaisquer circunstâncias as resistências que se ofereçam.

Inicialmente sua preocupação é atingir o coração das terras que viriam caber a Portugal. São Miguel, a capital missionária é o primeiro objetivo, e de indagação em indagação, de estudo em estudo, Gomes Freire foi arquitetando o seu plano de operações diplomáticas e guerreiras.

As coisas correm bem até certo ponto. Condescenderam os demarcadores na fixação dos primeiros marcos fronteiros.

Tornou-se preciso marchar para as Missões onde avolumava o espírito de rebelião dos habitantes das reduções. Gomes Freire reserva para seu exército a marcha ao longo do rio Jacuí, enquanto o

general Androanegui, comandando as tropas de castelhanos seguiria pela margem do Uruguai, marcado o encontro das duas colunas no território missionário.

A marcha do chefe espanhol foi desastrosa. Derrotado, exausto, teve de recuar para seu ponto de partida.

Gomes Freire foi mais afortunado, porque mais precavido, mais inteligente e mais sincero. Inaugurou a navegação da Lagôa dos Patos, criou o porto do Viamão, sulcou com seus barcos de transportes de tropas e de casais açorianos as águas do Jacuí, organiza os armazens de Santo Amaro e estabelece a trincheira do Rio Pardo, ponto de apoio interessando a investidura de suas tropas pelo desconhecido território interior, rumo às Missões.

Após rápida marcha acampa Gomes Freire na margem esquerda do Rio Jacuí, no passo que conserva até hoje o nome do rio, a montante da cidade de Cachoeira. Na margem aposta ao acampamento português, uma imensa multidão de índios das reduções ameaça a resistência ao avanço da coluna lusitana.

Não era porém uma hoste guerreira, mais ou menos organizada a que se atirava ao sacrifício naquela pretendida resistência. Era um bando que sem disciplina, sem armamento capaz, mal comandado, sem mesmo saber o que pretendia fazer, na inconsciência de um rebanho de vítimas.

Gomes Freire com a prudência e a sabedoria de um grande chefe não quiz sacrificar aquela infeliz multidão. Ouviu-lhes os protestos, as ameaças, porém conservou-se obstinado em não derramar o sangue daquelas pobres vítimas da ignorância e do atrazo de uma educação errada.

Foi nesse transe que o grande general mais uma vez demonstrou a rara fibra de sua persistência física e moral, suportando com a admirável resignação de um verdadeiro soldado a luta contra os elementos da natureza desencadeados contra o exército português, sob a forma de uma torrencial chuva que com formidável inundação parecia querer afogar soldados e chefes surpreendidos em suas barracas que nem um pensou em abandonar. Gomes Freire dava o exemplo da firmeza, da perseverança e da resignação partilhando com seus comandos dos perigos da presença do inimigo e dos contratempos da estação.

A inundação baixou: os índios cederam. Somente faltava ao eminente general conhecer notícia do que ia pela tropa castelhana para prosseguir a marcha combinada.

Veio o portador da informação esperada. Trouxe a notícia do desastre de Andoanegui: Gomes Freire via desmoronar o plano tão bem arquitetado. Ele não poderia prosseguir sem graves consequências.

Tornava-se necessário recomeçar a campanha, dar novas diretrizes às operações, concentrar outros objetivos com os castelhanos.

Antes porém, havia mais alguma coisa a realizar, precedendo à retirada da tropa portuguesa de sua posição no Jacuí, era alguma coisa que não podia escapar à larga inteligência do notável general.

Tratou Gomes Freire de ajustar com os chefes da multidão de índios que o defrontava, um conchavo que conciliasse as conveniências futuras de Portugal com o interesse imediato do povo das Missões.

A primeira impressão que fica aos que leem a maioria dos cronistas que narram episódios da história do Rio Grande é que o eminente e honrado chefe português não usou absoluta lealdade para com seus antagonistas. Parece-me que tem havido um certo espírito tendencioso em semelhantes narrativas.

Esse aspecto é absolutamente ilusório. Gomes Freire acercou muito legitimamente com os opositores que todo o território ao oriente do Jacuí passaria a ser domínio dos portugueses e que — antes de receber ordem em contrário de seu rei — não transporiam as suas tropas a linha convencionada. Ficava portanto aberta a porta para o desempenho integral de sua tarefa, em qualquer tempo, isto é, a ocupação das Missões, desde que tal decisão fosse emanada do monarca português portanto desde que permanecesse de pé o Tratado de 1750.

É um eloquente atestado da grandeza de ânimo de Gomes Freire a sua conduta no Jacuí. Podia esmagar logo aquele infeliz bando de fanáticos inocentes. Sua humanidade o preservou de tão sangrenta façanha.

Os olhos fitos na Pátria, confabula, convence, alcança êxito transcendente nas suas conferências com os chefes da malta rebelde.

Revelara na sua grande generosidade o mal que a traição desses

rebeldes produzira quando se atirara contra a trincheira do Rio Pardo, meses antes, e agora deixava-os voltar tranquilamente a seus lares, talvez na expectativa de experimentarem mais tarde a força de suas ingênuas armas contra a forte falange de soldados do Brasil...

* * *

Gomes Freire entregava-se por algum tempo ao seu papel de governador do Continente riograndense, e põe em prática no Rio Pardo, em Viamão e no Rio Grande, todas as medidas de administração exigidas pelos habitantes do território perturbado, como estava a vida coletiva pela anárquica gestão de Diogo Osorio e pela superveniência das ameaças de revolta.

A essas causas que entravaram a prosperidade do Rio Grande deve ainda juntar-se a dualidade de jurisdição, repartido como estava o território riograndense pelos governos do Rio de Janeiro e de São Paulo.

Oportunamente seria combinada com o plenipotenciário de Madrid a sequência das operações militares. Os jesuitas persistiam na recusa de abandonar o território missionário. A força das armas tinha de impôr os direitos soberanos.

Andonaegui, a princípio vacilante no cumprimento de seus deveres de militar, mais propenso a ser instrumento dos padres, que exerciam forte domínio sob a esposa do general espanhol, do que soldado leal, entra no bom caminho e vem juntar-se com os seus comandados, a Gomes Freire, para encetar-se uma nova marcha de invasão.

A superior capacidade do veterano chefe luso impõe-se e a êle cabe daí por diante a direção da campanha. Em Caiboaté decide-se em trágica batalha o triste destino das falanges indígenas que tentavam opôr-se ao avanço das tropas aliadas.

Mais adiante é na trincheira de São Martinho que um novo revez abre os campos de Missões para o exercício de ocupação. A esta vitória precedera uma estupenda marcha através da serra e da floresta virgem, admirável feito realizado de forma modelar sob a inspiração do provento Gomes Freire.

Dentro de poucos dias, sob o fumo dos incêndios que as mãos

criminosas de fugitivos ateavam, São Miguel, a capital das reduções jesuíticas, era ocupada pela tropa portuguesa e logo após desaparecia a última resistência quando rendeu-se aos soldados castelhanos o povo de São Lourenço.

Estava integrada a tarefa de Gomes Freire; as Missões estavam ocupadas.

* * *

A demarcação dos limites não fora ainda ultimada. Terminara a campanha militar; certas divergências dependiam de decisão nas cortes: porém os obstáculos mais fortes que embaraçavam o êxito completo do Tratado eram os tramados nos segredos dos palácios reais por todos os elementos que se combinavam para fazer desmornar a extraordinária obra diplomática do iluminado ministro Alexandre Gusmão.

Este já havia morrido. O Tratado periclitava. Gomes Freire estivera afastado do Rio de Janeiro por sete anos ininterruptos: seus soldados estavam também esgotados de fadiga, após aquele longo peregrinar por terras do sul.

Nênhum motivo havia portanto para determinar a permanência do exército e de seu chefe no Rio Grande, e Gomes Freire recolheu-se ao Rio de Janeiro nos meados do ano de 1759.

Já era o Conde de Bobadela, prêmio que merecera sobradamente de seu monarca, tanto fora o fervor com que o general o servira, servindo a Pátria.

* * *

Todo aquele imenso esforço tornar-se-ia vão.

A conspiração ininterrupta que acompanhara o tratado de 1750 em tôdas as suas fases coroava-se de êxito com a derrogação do convencionado e o surto de uma nova guerra entre Portugal e Espanha.

A Colônia do Sacramento recebia o assalto dos castelhanos, porém, o exemplo de Antonio Pedro, apagara-se na memória do comandante da praça. Esta capitulou.

Esta palestra em que, sem ter títulos que para tanto me auto-

rizem, procuro exaltar a figura imortal do honrado general português e insigne governador no Brasil, me proporciona ensejo para desagrar o seu nome, respeitavel por todos os princípios, daquilo que com justa expressão, foi considerado irreverência de Buenaventura Cavaglia Hijo.

O publicista uruguaio escreveu, há tempos, um opusculo sobre a devoção de Gomes Freire a Santa Teresa, em que, como o melro de Guerra Junqueiro, repica umas finas ironias sobre a fé religiosa do illustre Bobadela.

É bem do feitio de Cavaglia o manejo da ironia. Lamentavel também é que fosse atirá-la alvejando o que há de mais sagrado dentro do coração das criaturas humanas, a sua consciência religiosa.

Valeu-se o escritor de hipóteses e conjeturas que não resistiram ao exame que lhes applicou De Paranhos Antunes no II Congresso de História do Rio Grande.

A inanidade de argumentação de Cavaglia é fácil de demonstrar.

Em páginas anteriores falei de três grandes obras erigidas sob o governo de Gomes Freire; a fortaleza da Ilha das Cobras, o aqueducto da Carioca e o convento de Santa Teresa.

Este convento, tributo que Gomes Freire quis prestar à sua imensa piedade religiosa foi a falsa base sobre que Bernardo Cavaglia levantou as suas premissas.

A história do convento de Santa Teresa está minuciosissimamente escrita no livro de Moreira de Azevedo — "O Rio de Janeiro". Eí-la em resumo, necessário para mostrar quão forçada é a argumentação usada por D. Buena Ventura.

Duas piedosas donzelas cariocas, às quais se reuniram mais algumas, recolheram-se a uma chácara na estrada de Matacavalos, hoje rua Riachuelo, e aí fundaram uma pequena ermida em louvor do Menino Jesus.

Gomes Freire correspondendo aos santos sentimentos de tão fiéis devotas mandou projetar pelo notavel engenheiro Pinto Alpoim, o convento do morro do Desterro, cuja construção se completou sem maior tardança.

Em 24 de junho de 1751 as devotas se transportaram para a nova habitação e preparavam-se para proferir voto, adotando os

preceitos da ordem de Santa Teresa. O bispo do Rio de Janeiro, opôs-se a esse desejo e não permitiu que fosse dado o veu de freiras de Santa Teresa a essas senhoras, indicando a regra de Santa Clara como a que melhor se compadecia com o clima do Rio de Janeiro, exagerado como lhe parecia a de Santa Teresa.

D. Jacinta que era a diretora espiritual das recolhidas do Deserto não se conformou com os desejos do bispo e foi a Lisboa impetrar do Papa e do Rei a satisfação de sua vontade piedosa.

Regressando ao Rio de Janeiro em 17 de abril de 1756, trazia um breve do Papa e o beneplácito real com a concessão que fôra pleitear.

“Mas, nem assim, diz Moreira de Azevedo, cessaram os escrúpulos e receios do bispo que continuou a opôr-se aos desejos do Conde e de Jacinta; e nessas dúvidas e embaraços dos poderes eclesiásticos e civis, correu o tempo até que em 1 de janeiro de 1763 faleceu o Conde de Bobadela tendo sepultura no presbitério da igreja do convento”.

Antes de morrer Gomes Freire, referindo-se à casa de onde lhe proviera o título de nobiliarquico dizia: A casa de Bobadela fica feita, mas as minhas filhas ficam ainda sem casa. Aludia ao fato de não estar ainda resolvida a anuência do bispo ao desejo das religiosas, que insistiam por serem irmãs de Santa Teresa.

Vê-se assim que a vontade de Gomes Freire não era senão o reflexo da vocação de suas protegidas. O convento se chamou do Deserto e só depois que para lá subiram as devotas de Santa Teresa foi que o povo começou a dar esta denominação ao morro e ao novo edifício.

Somente em 1777, foi que o novo bispo do Rio de Janeiro Mascarenhas Castelo Branco, concedeu a clausura canônica para as freiras de Santa Teresa.

Quando Gomes Freire preparava-se para partir rumo do sul na tarefa de demarcar os limites com Espanha, a flor da intelectualidade do Rio de Janeiro fundou um cenáculo a que chamou a Academia dos Seletos.

Destinou-se a exaltar a glória de Gomes Freire, em homenagem que estudavam a sua personalidade como cristão, como homem de Estado e como militar.

A obra que testemunhava o seu fervor de crente na religião de Jesus era o convento do Desterro. Os panegiristas de Gomes Freire referiram-se longamente a essa fundação e às peidosas irmãs que iriam habitá-la.

Dos elogios e consagrações dos académicos pretendeu Buena Ventura Caviglia Hijo extrair induções que profanam a memória sagrada do homem, cuja humildade cristã chegou a ponto de exigir que nenhuma inscrição assinalasse o lugar onde repousavam as suas cinzas impolutas.

Também o fato de receber a Fortaleza que Tomaz Osorio levantou na fronteira entre o Uruguai de hoje e o Rio Grande, na campanha de 1762, a invocação de Santa Teresa serviu de argumento para a irreverente tese de Caviglia.

Os documentos referentes a essa fortificação indicada por Gomes Freire na previsão dos dolorosos acontecimento que recairiam sobre o Rio Grande, não trazem qualquer menção de que coubesse ao Capitão General a denominação que lhe deu o coronel Tomaz Osorio.

Este comandante era também um devotado cultor de Santa Teresa, como afirma De Paranhos Antunes, baseando-se na opinião de Aurelio Porto, que de tal devoção encontrou documentação irrecusável: inaugurando-se a fortaleza a 15 de outubro de 1762, Osorio collocou-se sob a divina proteção da Santa de sua predileção.

Teria chegado ainda a tempo de ser essa invocação conhecida de Gomes Freire.

O publicista uruguaio poderia encontrar ainda um novo argumento em favor da afirmação de que Gomes Freire tinha talvez inabalável fé na Santa que tão coincidentemente interferia em sua vida.

Quando da grande enchente que inundou o acampamento do passo do Jacuí, diz um diário da época: "Em dia de Santa Teresa estando-se festejando com missa cantada e sermão, na barraca do general declinou o rio conhecidamente e dali em diante continuou a se mostrar grato parecendo-nos antes um monstro cheio de horror para que pavorosos dele nos ausentassemos de suas margens".

Homem de seu tempo, numa época em que exerciam sobre todos os atos humanos grande influência os preceitos da fé e os princípios da religião, Gomes Freire foi talvez um convencido cultor da

devoção de Santa Teresa. Era uma crença merecedora da veneração e respeito, alentada porventura pela benéfica influência que o nome sagrado de Teresa fazia cair sobre as atitudes de seu cultor.

Derivar sentimentos tão sublimes e lançar ironias sobre a sua origem é uma verdadeira profanação.

Fiquem estas páginas para juntar-se ao que se processou no II Congresso de História do Rio Grande como um protesto e um justo desagravo.

* * *

Terminada esta digressão necessária, apressemos o final de nossa conferência.

Ao saber Gomes Freire que a praça da Colônia do Sacramento estava em poder de D. Pedro Ceballos, foi fulminado por um insulto cerebral e a primeiro de Janeiro de 1763 exalava o último suspiro.

Um túmulo anônimo ia guardar os restos mortais do homem que atingira as mais altas posições nas terras da América; que fora marechal dos exércitos portugueses, que cobrira com sua autoridade indiscutida todo o sul do Brasil, desde as fronteiras do Mato Grosso ao Rio de Janeiro e de Goiaz ao Rio da Prata; que respirava força, energia, decisão, inteligência...

* * *

Certo é que de Portugal vieram, nos longos trezentos anos do período colonial, governadores e chefes movidos da ambição inconfessável de fazer a América. Voltariam chefes de riqueza e de opróbrio...

Também grandes, magnanimos homens trouxeram a investidura de honrar a tarefa de governar os habitantes de nosso Brasil.

Nenhum foi mais nobre, nenhum sobrepuja em virtudes humanas e em qualidades de governo a máscula e empolgante figura de Gomes Freire de Andrada.

A glória de suas ações é patrimônio comum às duas pátrias, Portugal e Brasil. O seu nome há-de eternamente ser um símbolo de nossa origem única, de nossa união indissolúvel.

No tenebroso discorrer dos dias atuais, quando o sangue mancha vastas extensões do planeta na retrogradação tristíssima de civilização; quando a ambição irrefreável e o ódio visceral são os geradores das atitudes das nações; quando vemos a guerra não se contentar mais na destruição com o esmagamento de povos e nacionalidades, porém, intenta arrasar continentes inteiros, é um contentamento e um desafogo para nós brasileiros sentirmo-nos cada vez mais irmanados a êsse pequeno país e grande povo de que provimos.

A imensidade do Atlântico que separa os nossos territórios não é suficientemente grande para diluir ou atenuar o afeto e a gratidão nossos, pelo audaz povo que nos arrancou do nada, nos amparou na infância e nos legou esta formosa e querida pátria brasileira.

Legou-nos mais: as virtudes de nossa raça, fundida toda do mesmo velho bloco lusitano, com a rizeza, o valor e a beleza do ouro.

Temos do tronco fundamental o espírito manso e pacífico que nos faz amar a todos os povos como se irmãos fossem todos êles.

Guardamos na alma coletiva a bondade, a resignação, o desprendimento, porém guardamos também a altivez, a coragem e a perseverança.

Chegamos mesmo na candura de nossa índole efetiva a abrimos os braços, as nossas casas, a nossa terra para todos quantos aqui aportam, até mesmo para aqueles que, como o tamanduá nos abraçam com o propósito de enterrar as garras ferozes em nossas costas desprotegidas...

* * *

Gomes Freire de Andrada foi bem um representante perfeito e completo da sua velha raça.

Veio para servir ao Rei e para servir o Brasil. Nunca mais voltou ao ninho pátrio. Os anos vão passando e seu nome jamais se apagará de nossa lembrança porque êle só enche e ilumina extensas páginas de nossa história.

Esta minha palestra é minúscula ante a glória de Gomes Freire; crede porém, senhores, que presto esta homenagem ao exemplar varão com a maior sinceridade e com profunda admiração.

Perdoai-me ter roubado vosso tempo. Tenho dito.